



Fé no Clima

Comunidades religiosas
e mudanças climáticas



Instituto de Estudos da Religião

Outubro de 2017

Relatório de Monitoramento Iniciativa Fé no Clima

Índice

Apresentação - 3

O que é Fé no Clima? - 4

Três fundamentos conceituais e perfil das lideranças - 4

Linha do tempo: a trajetória da iniciativa - 5

Rede Fé no Clima: articulação e mobilização institucional - 6

Relato do II Encontro Fé no Clima (2017) - 10

Perfil dos convidados - 10

Boas-vindas, afinação e busca de tom - 11

Água: clima como dádiva, ciclos hídricos e sacralidade ritual - 13

Terra: *realpolitik* no Congresso, territorialidade, povos indígenas e ontologia - 16

Fogo: tecnologias indígenas, mobilização e comunicação - 19

Ar: poluição, perigo e o cuidado com as pequenas coisas - 21

Síntese dos grupos de trabalho - 23

Temas para aprofundamento - 23

Ações prioritárias - 24

Principais desafios - 25

Propostas de ação - 26

Projetar visão e gestão estratégicas Fé no Clima - 26

Enraizar conteúdos produzidos - 26

Os quatro elementos: articuladores de sentido - 26

Firmar uma gramática da iniciativa - 28

Referências bibliográficas - 29

Entrevistas - 29

Apresentação

Este documento possui três objetivos principais: 1. Refletir sobre os dois anos de existência da iniciativa Fé no Clima, fundada em 2015, pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) e o Gestão de Interesse Público (GIP); 2. Relatar o II Encontro Fé no Clima - 2017; e 3. Apresentar propostas para a iniciativa no futuro.¹

O relatório está organizado da seguinte forma: a primeira parte apresenta a iniciativa Fé no Clima nas palavras de seus atuais gestores. Evoca-se aí seus conceitos fundantes, mapeando a presença de Fé no Clima em termos institucionais e resumindo as atividades ocorridas desde 2015.

Na segunda parte encontra-se a relatoria do II Encontro Fé no Clima, ocorrido em 25 de agosto de 2017, no Museu do Meio Ambiente (JBRJ/MMA). O encontro reuniu grupo de religiosos da rede do Fé no Clima e também especialistas de diferentes organizações envolvidas com mudanças climáticas.

A terceira parte, em duas sub-seções conclusivas, busca primeiro sintetizar os achados desse monitoramento, apontando algumas ações futuras possíveis. Em seguida aponta desafios e oportunidades em recomendações objetivas para a gestão da iniciativa daqui para frente.

O relatório se baseia nas seguintes fontes: Artigo “Fé no Clima” no Journal of Inter-religious Studies (2015), Relatório Fé no Clima (2015), entrevistas com Clemir Fernandes², João Souza e Silva³, Alice Amorim⁴ e Luíza Boechat⁵, realizadas entre julho e agosto de 2017, Documento base II Encontro Fé no Clima (2017), Material produzido no encontro Fé no Clima (2017), Documentário Fé no Clima (2015), Documentário da Convergência Fé no Clima Águas Sagradas (2017), Blog Fé no Clima e o registro da participação de lideranças do

1 Maria Rita Vilela, doutora em Ciências Sociais (PUC-Rio), MSc Antropologia e Desenvolvimento (LSE) e bacharel em Ciências Sociais, é educadora, pesquisadora, consultora e co-fundadora da iniciativa Fé no Clima, junto à Alice Amorim (alice@gip.net.br) e à Denise Fonseca (denise.pini@globo.com).

2 Clemir Fernandes é formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul, mestre e doutor em Ciências Sociais (UERJ). Pesquisador do Instituto de Estudos da Religião (ISER), onde coordena a iniciativa Fé no Clima, e editor-adjunto da Plataforma e Editora Novos Diálogos.

³ João Antonio de Souza e Silva é diretor-adjunto do ISER, Mestre em Administração Pública e em Gestão de Políticas Públicas, e co-gestor da iniciativa Fé no Clima.

4 Alice Amorim é ? do GIP, Advogada formada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre (MSc) em Political Economy of Late Development pela London School of Economics and Political Sciences (LSE) e pós-graduanda em Responsabilidade Social e Terceiro Setor pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e co-fundadora da iniciativa Fé no Clima.

5 Luíza Boechat é bacharel em Relações Internacionais, comunicadora do ISER e integrante da iniciativa Fé no Clima

Fé no Clima no Lançamento da *Interfaith Rainfores Initiative*, em Oslo, Noruega (2017).

As referências que deram origem a este relatório estão disponíveis por *links* ao longo do relatório e listadas no final de modo que eles fiquem facilmente acessíveis para os leitores, bem como a rede de atores que faz parte da iniciativa.

O que é Fé no Clima?

Fé no Clima é um esforço coletivo continuado, liderado por [ISER](#) e [GIP](#), para “potencializar sensibilidades e comprometer comunidades religiosas” diversas a causar impacto, a partir do diálogo, na política das mudanças climáticas, congregando lideranças capazes de falar para dentro de suas comunidades de fé e para fora delas (Fernandes, 2017). A iniciativa busca “aproximar, resgatar e trazer à luz elementos, pessoas e aspectos das religiões para enfrentar, abordar e endereçar as questões urgentes das mudanças climáticas” (Souza e Silva, 2017).

Fé no Clima é voltada sobretudo para lideranças religiosas, isto é, grupos de religiosos que possuem trajetórias significativas, são reconhecidos e têm voz política para incidência pública. Contudo, a iniciativa oferece caminhos para outras relações essenciais, dialogando, portanto, com cientistas do clima e ativistas do campo ambiental, construindo interações reflexivas e propositivas entre fé e ciência.

Três fundamentos conceituais e perfil das lideranças

A iniciativa Fé no Clima partiu, em 2015, de três conceitos fundadores: *reconciliação, cuidado e justiça socioambiental*.

- *Reconciliação* significa “a busca pela ressacralização da relação entre humanidade e natureza” (Fonseca et al, 2017).

- *Cuidado* significa “a promoção de uma mudança paradigmática na compreensão do papel da humanidade para com a natureza” (Fonseca et al, 2017).

- *Justiça socioambiental* significa “a construção de instrumentos de articulação entre comunidades religiosas e agendas ambientalistas, com foco nas mudanças climáticas, em defesa dos mais vulneráveis” (Fonseca et al, 2017).

Tais conceitos foram anunciados nos documentos de fundação da iniciativa em 2015 e também no artigo "[Fé no Clima: religious communities and climate change](#)", e aparecem implicitamente nos documentos ligados à iniciativa desde então.

Outros conceitos que vêm orientando as atividades ligadas à iniciativa são: lideranças e senioridade, que remetem à importância do acúmulo de reflexão ao longo do tempo (Souza e Silva, 2017). Tanto no campo religioso quanto no científico e ambientalista, mais percurso e mais experiência se traduzem em mais sabedoria e credibilidade. Ainda, é um conceito basilar da iniciativa a ideia de *testemunho*, que remonta à máxima antropológica *estar lá*, presente nos encontros Fé no Clima por meio da produção de conteúdo audiovisual específico, como os "[Testemunhos Fé no Clima](#)" (Geertz, 1988).

Com o avançar das atividades dos últimos dois anos, fica cada vez mais evidente a importância do *lugar de fala* de cada um dos atores envolvidos na iniciativa. Religiosos, quando se posicionam em relação ao ambiente, possuem uma abordagem particular e adotam um tipo de narrativa; do mesmo modo, cientistas do clima e ambientalistas, diante de religiosos, se situam e falam de uma forma diferente de quando falam com seus pares. Esse *intercâmbio de lugares de fala* é fundamental para a inovação que propõe a iniciativa, e será aprofundado na próxima seção, onde consta o relato sobre o II Encontro Fé no Clima - 2017.

Linha do tempo: a trajetória da iniciativa

A construção histórica das origens da iniciativa foi narrada em artigo acadêmico "[Fé no clima: faith communities and climate change](#)" publicado no *Journal of Inter-religious Studies* e pode ser compreendida objetivamente a partir da linha do tempo abaixo (Fonseca et al, 2017):

ECO92:
Vigília Inter-religiosa
da Paz Mundial

1992



O que pensam as
lideranças brasileiras
sobre o clima

2008

I Encontro
Líderes Religiosos e
Mudanças Climáticas

2009



Cúpula dos Povos
Rio+20

2012

I Encontro
Lideranças
Fé no Clima

2015



Fé no Clima:
Terra Sagrada

2016



Encontro
Fé no Clima
COP22

2017



Convergência
Fé no Clima:
Águas Sagradas

II Encontro
Lideranças
Fé no Clima

Tanto ISER quanto GIP convergem no sentido de identificar os anos de 1992 e 2015 como marcos importantes dessa caminhada. O primeiro foi o momento de efervescência da sociedade civil nacional e internacional no Rio de Janeiro, por ocasião da Eco-92. O ano de 2015 concentra a publicação da Laudato Si e outros documentos de posicionamento de comunidades religiosas em torno da questão climática, e a COP-21 em Paris, que estabelece um marco para a política internacional do clima prevendo o fim da era dos combustíveis fósseis (Fonseca et al, 2015).

Ao longo desses anos, Fé no Clima resultou nas seguintes ações:

- I Encontro Fé no Clima - Agosto de 2015
- Fé no Clima Terra Sagrada 2016 - Junho de 2016
- Fé no Clima na COP-22 - Novembro de 2016
- Convergência Fé no Clima Águas Sagradas - Maio de 2017
- II Encontro Fé no Clima 2017 - Agosto de 2017



Rede Fé no Clima: articulação e mobilização institucional

A iniciativa Fé no Clima carrega, desde a sua fundação, a vocação de rede. Ela inicia como uma parceria interinstitucional (ISER e GIP) e intra-institucional (ISER e MIR) indicando o potencial de alavancar cada vez mais pontos de contato entre entidades, grupos e pessoas.

O desenho institucional da iniciativa é claro: ela deve ser capaz de articular lideranças, e, através delas, chegar às bases dos movimentos sócio-religiosos e ambientalistas.

Contudo, tal alcance multi-institucional só se dá com sucesso a partir da autonomia que cada instituição da rede tem para gerar desdobramentos a partir da experiência na iniciativa. Idealmente, os conceitos comuns norteadores descritos acima seriam o substrato sobre o qual tais lideranças se apoiariam para levar a mensagem às suas próprias comunidades.

O I Encontro Fé no Clima, em 25 de agosto de 2015, deu origem a mais uma série de articulações para fora da iniciativa. As lideranças religiosas presentes, coautoras e signatárias da [Declaração e Compromisso Fé no Clima](#), passaram a figurar como alicerces da iniciativa e a representar seus preceitos para além dela.

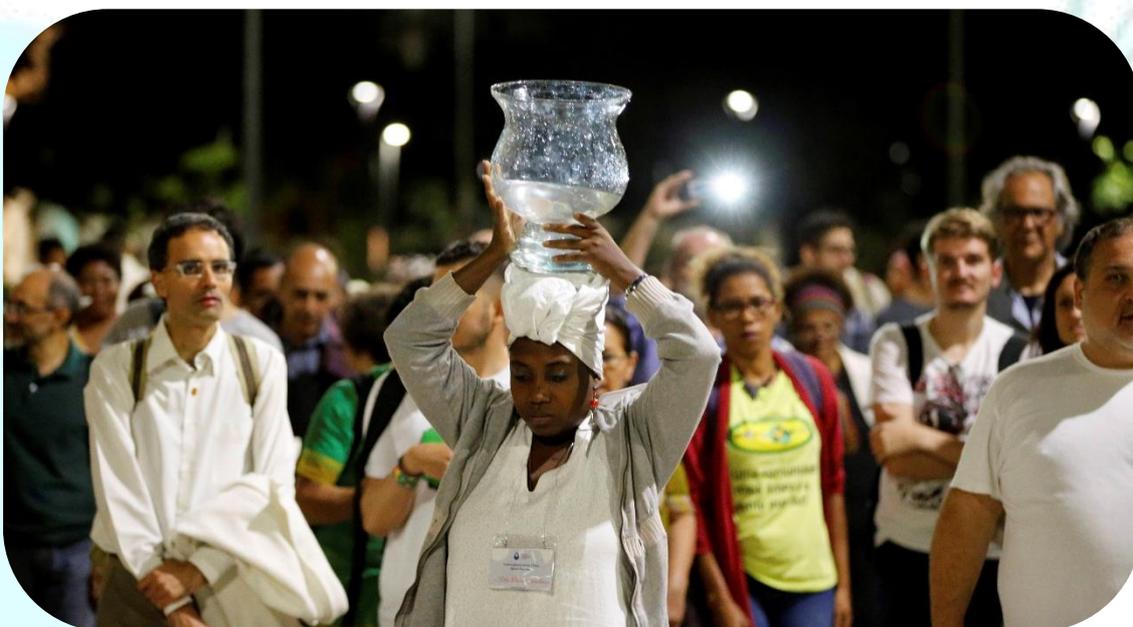


A partir daí uma [série de ações em 2016](#) reforçaram a presença da iniciativa em diferentes segmentos da sociedade civil brasileira, e articulou gradativamente com atores da América Latina que atuam sobre o tema. Uma rede composta por organizações de países da América Latina que estiveram presentes na COP 22, com essa agenda.



É no ano de 2017 que a iniciativa se volta para a expansão de seus horizontes, por um lado, acolhendo, e, por outro, indo ao encontro de iniciativas primas pelo mundo. A Convergência Fé no Clima Águas Sagradas, realizada no Rio de Janeiro, em maio de 2017, foi resultado dessa conexão com redes de justiça socioambiental na América Latina, resultando na [Declaração Fé no Clima Águas Sagradas](#), e ampliando a dimensão internacional da iniciativa.

O encontro teve como foco a importância universal da água, a partir de perspectivas religiosas e também político-sociais. Cerca de 50 jovens de diversas comunidades religiosas, vindos de 17 países da América Latina, se reuniram com lideranças religiosas em quatro dias de trocas de experiências e saberes acerca das mudanças climáticas e seus impactos, em especial, nas águas. O ápice do evento foi uma celebração multi-religiosa das Águas Sagradas de diversas partes do mundo, na Baía da Guanabara.



Esse encontro introduziu o caráter intergeracional à iniciativa - o olhar jovem trouxe atualidade, pluralidade e questionamento para as discussões climáticas, além da formação de uma rede inter-religiosa de jovens brasileiros e de outros países latino-americanos.

Essas ações levaram ao convite para signatários da Declaração e Compromisso Fé no Clima integrarem o lançamento da *Interfaith Rainforest Initiative*, promovida pelo governo Norueguês em parceria com o PNUD, em junho de 2017. Lideranças signatárias da Declaração e Compromisso Fé no Clima

estiveram presentes na fundação da [Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais](#), em Oslo. Tal experiência é narrada pelo Pastor Ariovaldo e pelo Rev. Fletcher Harper, conforme relatos mais abaixo.



O II Encontro Fé no Clima, cujo relato segue, veio adensar intercâmbios entre comunidades religiosas, cientistas do clima e ambientalistas, promovendo uma troca de saberes, que é justamente a chave que desde o início motiva esse caminhar.

O relato mantém propositalmente muitas aspas e imagens usadas pelos próprios palestrantes de modo a auxiliar a construção gramatical da iniciativa. No sentido de iniciar uma reflexão sobre *qual a linguagem da iniciativa Fé no Clima?*, algumas palavras estão destacadas em negrito ao longo do texto.

Relato do II Encontro Fé no Clima - 2017

Jardim Botânico, Rio de Janeiro

Os convidados chegavam enquanto era exibido o documentário [Fé no Clima](#) que narra os eventos da trajetória da iniciativa. As cadeiras dispostas em três grandes círculos proporcionavam um ambiente acolhedor e amistoso. Alguns convidados pareciam se conhecer de longa data, outros se admiravam à distância, mas todos podiam perceber desde cedo o enorme potencial daquele. Algo de novo estava por acontecer.

Perfil dos convidados

Foram ao todo 59 participantes registrados em lista de presença, sendo 30 mulheres e 29 homens. A maior parte das pessoas convidadas integrava organizações da sociedade civil (30), um terço do segmento religioso (24) e os demais eram da academia (3), alguma instância governamental (2), multilateral (2) ou mídia (2).

As seguintes religiões estiveram representadas: Brahma Kumaris, Budista, Católica (2), Judaica, Evangélica (Batista, Assembleia, Presbiteriana), Grande Fraternidade Branca, Hare Krishna, Indígena (4), Muçulmana (Xiita e Sunita) (3), Santo Daime, Umbanda e Wicca.



Boas-vindas, afinação e busca de tom

O evento inicia com as boas vindas de Pedro Strozenberg, pesquisador do ISER, que destaca a relevância do encontro na aposta na “aproximação de dupla face” entre lideranças religiosas e ambientalistas para promover trocas de saberes. Strozenberg ressalta a importância da Encíclica Laudato Sí como marco para o diálogo sobre as mudanças climáticas no campo religioso, passando a inspirar posicionamentos de outros atores religiosos. Enfatiza especialmente a presença de diversas matrizes evangélicas, considerando-se toda a importância e os desafios deste segmento religioso no Brasil. Finalmente, Strozenberg reconhece a teia de parceiros que fizeram o encontro acontecer composta por cientistas do clima e ativistas do campo ambiental, que foi viabilizada pela parceria com o [Instituto Clima e Sociedade](#) (ICS), e a acolhida pelo Jardim Botânico na figura do diretor Sergio Besserman. Todos juntos ajudam a pensar “com esperança [o] dia de amanhã” (Strozenberg, 2017).



O anfitrião [Sergio Besserman](#) inicia com uma fala aterradora: estamos perdendo a luta contra os desafios climáticos e agora mais do que nunca é chegada a hora de mobilizar fé e esperança para seguirmos adiante. A meta de conter o aumento de temperatura a 1.5oC estabelecida na COP21 teria sido teatral, embora o encontro, politicamente, tenha sido um sucesso. Contudo, Besserman destaca que “o modelo de negócios da COP21 não funciona” (2017). Evidências apontam para um aumento de pelo menos 3oC e as novidades dos últimos 3 ou 4 anos têm surpreendido todas as previsões mais pessimistas, e tudo num período mais curto do que o esperado. Para o diretor do Jardim Botânico, o

Acordo de Paris foi um ritual político, e quando o Presidente Donald Trump dos EUA o transforma em política concreta, posicionando-se contrariamente, os países Europeus e a China se voltam para seu cumprimento, transfigurando a *realpolitik*. Para Besserman, “estamos aqui para fazer alguma coisa pela natureza do nosso tempo e pelos mais pobres”, destacando sua preocupação com a agenda de desigualdade socioeconômica e ambiental das mudanças climáticas.

Apesar de pintar um cenário um tanto sórdido, Besserman, com humor, lembra da interpretação redentora do último livro bíblico: “Apocalipse de São João são mensagens de esperança; a mensagem não é monotônica, estamos num momento de grandes escolhas” (Besserman, 2017). No Jardim Botânico, a principal tarefa seria a reposição da biodiversidade, sendo o horizonte de 20-30 anos o limite do perigo diante do aumento de 5-7 graus célsius de temperatura, o que seria um verdadeiro pesadelo (Besserman, 2017). Para ele, “o lado de cá da luta precisa encorpar” (Besserman, 2017). É decisivo; nós e principalmente os mais jovens vamos fazer escolhas que definirão o futuro humano. Assim, propõe uma reflexão: “amar o próximo: o cara que vai nascer em 30 anos é meu próximo? Entrego a ele uma planeta de que forma?” e ainda cita “sobre o clima só há um negócio previsível, entramos no terreno do imprevisível” (Besserman, 2017). Ele lembra que a responsabilidade intergeracional do momento “é a de evitar ter que encarar netos e bisnetos olhando para a gente com desprezo.”

Diante do exposto, chega a vez de Alice Amorim, grávida de oito meses, representando o GIP, a evocar o conceito de “conhecimento pertinente” de Edgar Morin (Amorim, 2017). Em tempos de “excesso de conteúdo”, qual o uso que se faz dele, propiciando “trocas pertinentes”? (Amorim, 2017). A proposta do evento era formar pequenos grupos diversificados que se “aprochegassem”, debatendo em torno da agenda dividida em quatro elementos (água, terra, fogo e ar). Na plenária, a presença de uma pluralidade de visões, acadêmicos e ativistas de diferentes perspectivas. A proposta foi não hierarquizar os conhecimentos, considerando a relevância de todas as narrativas. Há momentos de exposição para aumentar o embasamento teórico e técnico, seguido por momentos de diálogo. Ela destaca que a proposta não é um ambiente “sala de aula”, sendo a ideia conhecer o que “o outro” está fazendo no sentido de incrementar um “hub” de conhecimento (Amorim, 2017).



Água: clima como dádiva, ciclos hídricos e sacralidade ritual

É chegada a vez da primeira fala dos convidados. [Antonio Nobre](#), dialoga com Sergio Besserman dizendo que, em sua perspectiva, teremos menos que 20 a 30 anos. Há uma progressão exponencial da gravidade de todas as mudanças ambientais previstas que ele compara à “falência múltipla dos órgãos” daquilo que possibilita o “equilíbrio metabólico” que gera a “condição de ótimo” para a vida (Nobre, 2017). O Holoceno, era geológica que nos antecedeu, foi de calma. A Terra tem 12 mil km de diâmetro, gira a 108 km/h, o que equivale a 90 vezes a velocidade do som. Vivemos uma “película de Gaia” (Nobre apud Latour, 2017). A “esfera é infinita”, mas vivemos em uma “zona de conforto da espessura de uma folha de papel”, um “ambiente sutil”, de “inconsciência sagrada” (Nobre, 2017). Esta esfera terrestre tem três planos possíveis:

- Plano A, *business as usual*;
- Plano B, no caso da adoção das melhores práticas, mas sem mexer nas estruturas do - Plano A; Plano C, temos que pensar, pois o Plano B já não está dando certo.

Segundo ele, os desafios não são para nossos netos, e sim para nós. Estamos no “Titanic afundando com violinistas tocando” (Nobre, 2017). Devemos buscar o sentido ético e natural que “unifique todas as fés, inclusive a fé científica” (Nobre, 2017).



Então indaga: “o que é riqueza?” Riqueza no universo é abundância, “abundância é lei do universo, lei da natureza” (Nobre, 2017). “Na nossa sociedade temos algo diferente que é o egoísmo. A natureza não admite o egoísmo. Não tem acumulação na natureza, sem uma razão de ser. Acumulação apenas existe na natureza na perspectiva de ajudar o sistema a funcionar” (Nobre, 2017). Na natureza temos muita riqueza, mas nenhuma ganância.

“Nenhuma religião tem a ganância como conceito a ser seguido. Todas estão em sintonia com o funcionamento da natureza (...) A árvore distribui o lucro; ela dá para os outros, reinvestindo nos processos, na recuperação. Onde foi que perdemos a conexão?” (Nobre, 2017).

Darwinismo é apenas um aspecto. “Seleção natural é bóia de salvação, mas a regra é colaboração; amor é fusão” (Nobre, 2017). E conclui com a metáfora: “um ovo pode quebrar por uma força externa, que provoca morte, ou interna, que gera vida” (Nobre, 2017).

[Marussia Whately](#), idealizadora e integrante da Aliança pela Água, fala do momento como “século da escassez” (Whately, 2017). Ela descreve como surge a água e “porque a água é tão única” (Whately, 2017). Há quatro bilhões de anos, a Terra era um planeta incandescente. Cometas d’água se chocaram contra a Terra, esfriando a bola de fogo e gerando o chamado ciclo hidrológico. “Não se pode falar de clima sem falar de água” (Whately, 2017). Whately cita o capítulo da Encíclica Laudato Si sobre a água e declara que a crise hídrica é crise da sociedade como um todo. Nesse sentido, ela vê crise como oportunidade:

97% da água do planeta é salgada, 2.5%, doce, e temos de reserva 0.0001% de água doce nos rios. Os conceitos de reserva e ciclo dinâmico precisam ser revistos. Os espaços de renovação da água estão comprometidos. As frentes de degradação de água ligadas ao saneamento básico: temos 30 milhões de brasileiros sem acesso à água potável, enquanto nas cidades o acesso se dá a 90% da população: “O Brasil é o país dos rios e dos esgotos” (Whately, 2017). A palestrante identifica quatro frentes de preocupação:

- 1) Saneamento - para a qual se tem solução, se construída a capacidade;
- 2) Agronegócio - fertilizantes e agrotóxicos contaminam reservas hídricas;
- 3) Mineração - o exemplo a contaminação por mercúrio, “perdemos o Rio Doce em um mês” (Whately, 2017);
- 4) Desmatamento continental e local.

A fim de realizar um mapeamento com lideranças sobre a crise hídrica, foi fundada a Aliança pela Água, um espaço para diálogo cujos princípios norteadores são: 1) Água e saneamento como direitos humanos e não mercadoria; 2) A água é multidimensional e de multiresponsabilidade; 3) Garantia dos ciclos de renovação da água. Desse modo busca-se fomentar uma “nova cultura de cuidado com a água” (Whately, 2017).

Alice observa que na multidimensionalidade dos desafios climáticos, a água pode surgir como elemento conector, e convida Mãe Flávia Pinto a falar. [Mãe Flávia](#) se apresenta como liderança da umbanda uma religião de matriz indígena (que data de 11 mil anos), e africana, (que data algo em torno de 10-100 mil anos), e ativista no enfrentamento da violência contra intolerância religiosa. Mãe Flávia destaca a importância mítica: “a ausência de misticismo não dá muito certo” (Flavia, 2017).

A religião pode ser capaz de agradecer e reverenciar o ciclo (da água, neste caso), provocando transformações na relação ontológica com aquele elemento ritual. Durante a fala de Mãe Flavia foi possível notar a troca de olhares entre Antonio Nobre e Marussia, ambos citados anteriormente, quando ela faz menção à importância da formação sobre sagrado para os tomadores de decisão, evocando uma humanização da questão sem necessariamente se falar em espiritualidade.



Em seguida, teve lugar a discussão em grupos, provocando discussões em torno de três perguntas: o que mais tocou das falas anteriores? O que cada grupo ali representado pode incorporar daquilo que foi proposto? Quais os desafios?

A distribuição dos grupos para síntese em torno dessas perguntas foi muito bem recebida pelos convidados. Algo raro de se ver: cientistas, ativistas e religiosos se escutando, se conhecendo e percebendo os nexos entre suas visões de mundo, sintonizando falas que soam tão diferentes, em um sentido comum. Esses círculos dialógicos proporcionaram a percepção de que aquelas lideranças científicas, ativistas, religiosas possuem todas um papel fundamental na transformação de consciências, que “é o que move a humanidade” (convidado, 2017). A ótica da alegria e da celebração também surgiu. Também foi mencionada a necessidade de uma gramática diferente, que use mão de **metáforas**, criando mais eficácia em sua transmissão.

Imagens da **ciência como amor** e referência ao fato de estarmos vivendo um momento de crise similar à Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial remontam à esperança que se embasa na reinvenção de nós mesmos, ou para evocar Antonio Nobre, na criação de um Plano C.⁶

⁶ Uma síntese dos grupos de trabalho segue no final dessa seção do relatório.

Terra: *realpolitik* no Congresso, territorialidade, povos indígenas e ontologias

Segundo [Mário Mantovani](#), no Congresso brasileiro parece haver em jogo apenas acumulação e egoísmo. As tantas pautas que estão sendo tramitadas: a Lei da Mata Atlântica, o Código Florestal, a discussão sobre agricultura familiar, tudo mostra o que grupos de interesse fazem para se manterem no poder. Segundo ele, o que está na raiz dessa mentalidade é a disputa por cargos e por recursos. Por exemplo, os ruralistas estão negociando 180 bilhões de reais para o Plano Safra, enquanto são destinados para a agricultura familiar apenas 10 bilhões. Isso é menos que o montante de 12 milhões direcionados para os agrotóxicos. Mantovani ainda alerta que agrotóxicos estão ganhando novos nomes: passaram de veneno a agrotóxico, agora são conhecidos por defensivos agrícolas e em breve passarão a ser chamados de produtos fitossanitários. Esta, segundo o palestrante, seria “uma mudança de gramática no sentido equivocado” (Mantovani, 2017).



Mantovani constata que “é desigual a história que a gente está enfrentando” (Mantovani, 2017). Para o geógrafo, há um desmonte da função social da terra; mas ele celebra: “como é bom se renovar na fé” (Mantovani, 2017). Ele diagnostica também uma ruptura fundamental entre fé e política. Religiosos que se encontram praticando seus ritos no espaço inter-religioso do Congresso

quando entram em cena no plenário se esquecem enquanto iguais. Em sua opinião, não se pode falar em bancadas - todos deveriam estar buscando garantias constitucionais. Garantir para futuras gerações está escrito no Capítulo IV de nossa Constituição: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” ([Constituição Federal](#), 1988). Mantovani trabalha agora para a restauração de 12 milhões de hectares, sendo 60% desses, pastos abandonados. Ele cita a brincadeira que se fazia em Estocolmo, do “ativista melancia”, “verde por fora e vermelho por dentro” (Mantovani, 2017). “Preferimos poluição à pobreza”: continuamos no mesmo lugar, somos a oitava economia do mundo e figuramos últimos nos rankings de desigualdade. A Campanha da Fraternidade de 1977 buscou trazer religiões para os Conselhos Municipais de Meio Ambiente. “Brasília está sem sentido para a sociedade, é na base que a gente muda, na política do olho no olho” (Mantovani, 2017).

Alice Amorim propõe então uma transição: é preciso desmitificar para a academia que mudanças climáticas não se restringem a uma questão científica – implicam também falar em desenvolvimento e direitos.

Em seguida, Rachel Biderman faz um testemunho pessoal: filha de mãe católica e pai judeu, desde criança buscou se situar no mundo da fé, que foi um chamado para sua trajetória ambientalista. Com “pés em duas canoas”, busca resgatar o positivo, a energia boa que precisamos transmitir” (Biderman, 2017). O ambientalismo vem desanimar muito, faz querer desistir, mas as ideias da regeneração, da “capoeira”, da capacidade da natureza de se regenerar, mostra vida “onde não há mais vida”. É nesse encontro que ela pode se ver ambientalista citando liderança espiritual xamã. Ela lembra que nas cosmologias indígenas, não há desconexão; essas culturas são depositários de ligação sagrada com a natureza e por isso temos responsabilidade para com os povos indígenas. Em seu discurso, Biderman aponta alguns desafios. Como usar e proteger a atuação do movimento de agricultura sustentável, do MST, da permacultura e da agrofloresta? Por outro lado, como enfrentar a questão dos agrotóxicos, por exemplo, diante de evidências estatísticas de aumento de câncer no interior do Paraná e no Mato Grosso provocados por contaminação? Ela conclui com uma provocação: em 2018 há eleições, em vista da “nossa Constituição cidadã”, como construir um congresso mais cidadão (Biderman, 2018)?

O [Instituto Socioambiental](#) (ISA) nasceu de um programa de um centro ecumênico, portanto sua fundação está ligada diretamente ao campo da fé. Adriana Ramos lembra que para povos indígenas “a floresta é lugar de renovação da água: não precisamos esperar a ciência atestar para falar e fazer” (Ramos, 2017). Temos no Brasil a maior área de floresta tropical contínua que contém em si a maior reserva de conhecimento dos povos da floresta. No momento temos repertórios de 350 povos indígenas no Brasil de diferentes etnias sobre seus lugares, daí a importância da diversidade sociocultural para a preservação e conservação da biodiversidade *in-situ*. A maior angústia é a atribuição ao valor: tem gente que acha que isso tem valor, outros acham que não. Um ruralista no Congresso recentemente expôs sua visão de que manter a floresta seria um custo para a sociedade. Durante anos se tem trabalhado no Congresso pela manutenção dos direitos dos indígenas e isso estaria agora sendo “desmontado” (Ramos, 2017). “O Congresso tem mais proprietário de terra do que produtor rural; isso significa o oposto ao reconhecimento da diversidade” que compõe o cenário político de nosso país (Ramos, 2017). E ela se pergunta, no momento: “o que está acontecendo na Bacia do Xingu, no rio Negro?” (Ramos, 2017).

É chegada a hora de sistematizar conhecimentos, constituir uma nova visão sobre mudanças climáticas, mudando o enquadramento das perguntas no sentido da formação para incidência política no campo das mudanças climáticas. Ocorrerá, em breve, um encontro que promoverá um levantamento da percepção dos indígenas sobre mudanças climáticas. É preciso, segundo Adriana, valorizar os coletores de sementes: “semente é o pequeno que traz o grande”. O ISA aprovou recentemente a isenção de impostos para sementes florestais, iniciativa em parceria com outras organizações sobre litigância climática. Para ela é preciso “rever a sociedade, a família, a comunidade além do consumo. Considerar ações individuais importantes pelo processo de reflexão no sentido de fomentar um embate político mais amplo” (Ramos, 2017). Pastor Ariovaldo Ramos⁷ é convidado como um dos alicerces da iniciativa Fé no Clima, pois esteve presente em praticamente todos os eventos ligados à mesma desde 2015. Percebe-se em seu discurso uma incorporação de elementos que já deflagram um desejo por uma narrativa mais integradora das diferentes epistemes levantadas até o momento. Ele também compartilha a experiência do encontro dos religiosos pelas florestas tropicais promovido pelo governo Norueguês, este ano, em Oslo. O Pastor evoca a responsabilidade dos cristãos para com a natureza: “a floresta é decisiva para a chuva, e a chuva é decisiva

⁷ Ariovaldo Ramos é pastor, teólogo, filósofo e escritor, diretor acadêmico da Faculdade Latino-Americana de Teologia Integral. É co-fundador da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Foi presidente da AEVB (Associação Evangélica Brasileira) e da Visão Mundial. Participa da Rainforest Initiative, do Governo da Noruega em parceria com o PNUD.

para nós” (Ramos a, 2017). Ele diz que Cristo mandou recolher tudo que sobrasse depois que todos comessem. O mandato cultural de Cristo seria, portanto, comunitário e solidário. O ser humano é o jardineiro que é parte integrante do jardim. A visão dos filhos de Deus como cuidadores dos recursos foi onde a humanidade desandou, justamente quando ela promove a separação da criação da criatura de Deus. Segundo Ariovaldo, é preciso mudar nosso discurso; o ser humano busca sentido para a vida, a transcendência. Para ele “devemos buscar significado para além do mundo dos negócios” (Ramos a, 2017).



O encontro em Oslo significou “um pedido de ajuda” dos governantes em relação aos religiosos; os religiosos, por sua vez, estão empenhados em uma “liturgia que ligue, uma liturgia pela vida-única” contra o projeto em curso de “genocídio dos povos” (Ramos a, 2017).

Fogo: tecnologias indígenas, mobilização e comunicação

Clemir Fernandes comenta como aquele II Encontro Fé no Clima, assim como a iniciativa como um todo, se dispõe a uma ressacralização no mundo, sendo uma lição tanto para o campo ambiental quanto para a prédica e a homilia religiosas. Elementos da natureza ora manipulados são usados para reencontrar a “presença transcendental de Deus que se faz presente na natureza”, proporcionando assim uma leitura nova da ação política (Fernandes, 2017).

O fogo é evocado como um elemento transformador, purificador e Siã Huni Kuin⁸ é convidado a falar nesse contexto, como pai de Leopardo, cacique Huni Kuin no Rio Jordão, Acre, outro signatário da Declaração e Compromisso Fé no Clima. Siã fala do lado bom do fogo, da chuva e do vento. O aquecimento global seria fruto do descuido para com esses elementos. Ele faz um apelo: “a tecnologia mais avançada é a educação sobre o futuro” (Siã, 2017).



O fogo é sagrado para comida, oração e a prática da tradição milenar indígena Huni Kuin, mas hoje esse mesmo fogo tem sido usado em queimadas para a produção de pasto, um modelo de “desenvolvimento de mercado que afeta”, com “fazenda de açúcar, extração de madeira, ouro e petróleo”, não só no Brasil, mas também no Peru, na nascente do Rio Juruá Purus. O fogo tecnológico necessita de um projeto alternativo, positivo, pois esse modelo vai causar morte (Siã, 2017). Há tecnologias naturais da floresta, como, por exemplo, a ayahuaska. Se o mandado era “sentir como Jesus, será que algum dia vão pagar” o sofrimento que foi causado: “não tem indígena dono de latifúndio” (Siã, 2017).

É preciso fazer uma mudança, ativar uma “nova tecnologia espiritual da salvação” (Siã, 2017). Pesquisar, estudar, sobreviver com conhecimentos que vieram da floresta do Peru e do Brasil para cá (a cidade), “desenvolver com sabedoria” (Siã, 2017). “Não tem como enfrentar sozinho” esse desafio “o sol desceu dois dedos, o fogo está esquentando. Os maiores do país estão dando tiro, sangue, tem que educar eles também. Estamos reunindo para criar uma

⁸ Siã Huni Kuin é Cacique Huni Kuin do Rio Jordão, no Acre. Co-fundador da União das Nações Indígenas e da Associação de Seringueiros Kaxinawa do Rio Jordão. Foi pesquisador conveniado da UNICAMP e da National Board Film (Canadá). Recebeu o Prêmio Chico Mendes (2005) e o Prêmio Reebok de Direitos Humanos (1993). Seu filho, Leopardo Yawa Bane, é signatário da Declaração Fé no Clima.

aliança, a União dos Povos da Floresta. É o tempo que nós temos” (Siã, 2017). Para concluir, Siã corrige o número de povos indígenas no Brasil, “são 480 etnias” (Siã, 2017).

Reverendo Fletcher Harper também vem falar sobre fogo e mobilização: “precisamos uns aos outros para fazer esse trabalho... intergeracional e intergênero” (Harper, 2017). A iniciativa vem num momento de “despertamento internacional das comunidades de fé sobre a sacralidade da terra” (Harper, 2017). Ele comenta como o evento do eclipse solar total do dia anterior resultou em grande mobilização, choro, emoção, de quem assistia. O Pastor então agradece diretamente “aos irmãos indígenas pelas ações pela preservação das florestas” (Harper, 2017). Ele narra a experiência do GreenFaith, organização que representa, em marchas promovidas em 2014 e 2015 nas quais comunidades de fé diversas estiveram “unidas como família” sob o lema “agora somos todos Noé” (Harper, 2017).

Comunidades religiosas estão se mobilizando pelo “desinvestimento” nos combustíveis fósseis: “mais de 130 comunidades cristãs nos EUA declararam não ser eticamente aceitável investir em tecnologias que estão provocando dano ao planeta”, incentivando reverter investimentos em tecnologias *shine* (energias renováveis em lugares mais pobres no mundo (Harper, 2017). “Vivemos no mundo de forças muito fortes de ódio e divisão. Amor é mais forte que raiva e o bem vai vencer o mal. Somos uma família humana e compartilhamos uma casa, a Terra” (Harper, 2017). Segundo o palestrante, o diálogo inter-religioso promove abordar um assunto que é comum a todos e une no combate à intolerância religiosa e o fomento de cultura de paz (Harper, 2017).

Sonia Bridi é convidada a falar da comunicação como chama da transformação. Inicia sua fala com um testemunho pessoal da sua trajetória familiar católica. Filha de mãe marista e pai jesuíta, ela foi da primeira geração que “nasceu fora da roça” (Bridi, 2017). Seus avós vieram “arrancados da sua terra por conta da monocultura”, vítimas da praga do bicho da seda que atacou as plantações de uvas Pinot Noir na região do Trento (Bridi, 2017). Ela e os irmãos cresceram na colônia e até os 5 anos, tendo contato direto com a terra. Daí ela ser sensível para como “a destruição ambiental afeta as vidas das pessoas” (Bridi, 2017). “A gente vive de uma casquinha da bola de fogo. A partir da combustão nós vivermos a nossa vida. O sol foi provavelmente o primeiro Deus. Temos uma explosão de vida que depende do calor. Conhecimento é luz” (Bridi, 2017). No entanto, fogo também é um aparelho de destruição do país. Ela conta como a Sequoia, do hemisfério norte, é uma árvore de 80-90 metros de altura, que vive

três mil anos. “A semente da sequoia é pequena. Ela evolui junto com o fogo. O calor abre as pinhas que liberam as sementes que se espalham” (Bridi, 2017).



Não devemos, portanto “querer resolver a natureza melhor que a natureza”, estamos submetidos à “lei das consequências” e as consequências estão pesadas. Ela elogia sistemas de desinvestimento e evoca um “trabalho de formiguinha: o que cada membro da comunidade faz para transformar seus modos de vida, botando a mão na massa - o que combina com a minha ética” (Bridi, 2017). Ela relata que havia 8 milhões de indígenas na Amazônia pré-colombiana. Hoje temos 350 mil - “isso não é holocausto” (Bridi, 2017)? Ela então cita ações como o replantio das cidades que são selvas de concreto e desmatamento, a desimperbrialização dos solos para deixar a água penetrar, diminuir inundações, lidar com milhões de toneladas de lixo, gás metano, hortas comunitárias, evitar uso de sacos plásticos. “A sabedoria da escolha do investimento entre gastar o dinheiro aqui ou aqui... Na Igreja, partilhar carona... Fazer lixo compostável... Pequenos ensinamentos da prática do dia a dia. A comunidade religiosa é o lugar que reúne por princípios éticos, pessoas que querem chegar no mesmo lugar.... Para todo ato tem uma consequência e muitas consequências são inesperadas” (Bridi, 2017). Por último, Bridi lembra do fogo da paixão, que é “o fogo do bem, o fogo que motiva”, e evoca esse tom como inspiração para sairmos da zona do conforto.

Ar: poluição, perigo e o cuidado com as pequenas coisas

Para abrir a série de falas sobre o ar, Juliana Hussar apresenta projeto [Unmask my City](#) (Cidades sem Máscaras), viabilizado pela rede [Global Call for Climate Action](#) (GCCA), que vem defender a máxima “respirar deve ser seguro”. Hussar traz números sobre os danos da poluição à saúde: 6.5 milhões de mortes prematuras, fora a maior suscetibilidade da população exposta à poluição às doenças cardíacas e respiratórias; segundo o projeto, 80% da poluição das cidades está acima do aceitável pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em São Paulo, onde o projeto tem uma base, são 4 mil mortes por ano por doenças causadas pela poluição. Isso representa custos de saúde na ordem de 4 trilhões de dólares. A campanha aposta em monitoramento comunitário da poluição, promovendo um “empoderamento da comunidade sobre a qualidade do ar” (Hussar, 2017). O projeto usa dados oficiais da OMS e mobiliza profissionais da área de saúde para divulgar informações.

Padre Josafá Carlos Siqueira fala do “clima como bem comum” de acordo com o mandato da Encíclica *Laudato Si*, de Papa Francisco, destacando a importância das referidas “atitudes no pequeno que ensinam a ser fiel com as coisas maiores” (Siqueira, 2017). Ele diz que no momento “Jesus [olha] para nosso planeta com perplexidade e dor”, que é o mesmo olhar do Papa com a Encíclica (Siqueira, 2017). Padre Josafá resume os quatro eixos fundamentais da Encíclica: 1) há um princípio ético fundamental de que “o clima é de todos e para todos”; 2) existe um consenso científico consistente sobre a situação climática no mundo; 3) o Papa faz um apelo ético, “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudança no estilo de vida e sistema de produção e de consumo, já que é a causa humana que produz a mudança climática e a acentua”; 4) por último, o paradoxo ainda insistente da divisão do mundo entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, que, no campo climático, desemboca na crise dos refugiados ambientais, mostra que há “falta de reação diante desse drama da iniquidade” (Siqueira, 2017).

Suas conclusões são: a) a poluição do ar é um problema ético e portanto implica em posturas que resgatem uma visão mais sistêmica do mundo; b) a degradação ambiental é degradação social; e, por fim, c) não se trata apenas de uma questão de direitos humanos, mas também de direitos e deveres para com outros e para com a natureza.

Para concluir, Padre Josafá diz que “o amor se faz em detalhes”; “a poluição é um problema teológico, pois estamos quebrando alianças com o divino”; “o problema da poluição do ar é espiritual, esvazia a dignidade de Deus o que é

uma humilhação muito forte”; “é preciso portanto equilibrar logos e pathos, razão e coração” (Siqueira, 2017). A noção de “testemunho” é concreta, pois “é melhor apostar no que está a nosso alcance”, para se ter “fidelidade às coisas pequenas” (Siqueira, 2017). Termina relatando enquanto Reitor da PUC-Rio, passos que a universidade vem dando nessa direção: ampliação do bicicletário, implantação de caronas solidárias e não permitindo ônibus e carros parados com motores ligados dentro do campus.



Síntese dos grupos de trabalho

Segue abaixo uma síntese dos achados dos grupos de trabalho sobre água usando as palavras originais registradas pelos grupos, apenas reagrupando-as por categorias correlatas buscando sentidos comuns e um fio condutor que permita encaminhamentos objetivos.

Temas para aprofundamento

1. Urgência; consciência sobre urgência para agir; como a vida é efêmera e como a fé é necessária; o plano B não é suficiente; a busca do plano C no presente;
2. Sustentabilidade como direito humano; Aliança pela Água – valores; água como direito humano e bem público;

3. Cientista indo ao encontro do amor; humanização do conhecimento, da ciência; humanizar para depois espiritualizar; conectar a ciência com a espiritualidade; diálogo entre ciência e fé; natureza como sagrado;

4. Retomada da noção de sagrado com uma gramática distinta, nova, capaz de estabelecer uma comunicação religião/ciência; reencantamento com juventude; novas linguagens para tratar do tema; abundância; dimensão coletiva; egoísmo; movimento de dentro para fora; 7 tipos de água (analogia com diferentes tradições religiosas?);

5. Coisas iguais entre as religiões; Semelhança entre os segmentos religiosos: o que nos une e não o que nos separa; Diálogo entre saberes trans; Diálogo entre as diferentes religiões ao tratar da natureza.



Ações prioritárias

1. Conciliação eficaz entre o olhar científico e religioso;
2. Fragilidade da vida deve ser explicitada;

3. Apelo para que as religiões abraçarem a causa ambiental; as religiões como canais de sensibilização; organizações religiosas como células de resistência e resiliência;
4. Passar da (1) consciência para (2) convicção e (3) mobilização;
5. Desconstrução da lógica “do lucro” (como um plano “C”); Sagrado vs. Capitalismo; Mudar formas de consumo; Não permitir que a água seja tratada como mercadoria a ser negociada;
6. Educar; Nova mentalidade para novas gerações; acreditar em encontrar juntos soluções para o futuro.

Principais desafios

1. Como transformar essa consciência de que a ciência e as religiões podem e devem atuar juntas na mobilização da sociedade/comunidade? Como traduzir ciência em amor?
2. Para transpor a falta de escolaridade e eventuais desinteresses, como trabalhar valores comuns para tratar o tema?
3. Como construir mini vídeos para propagar estas mensagens? Como reverberar e divulgar?
4. Como entender que a terra somos nós? Como resgatar o sagrado? Como respeitar o sagrado?
5. Como resgatar diálogo inter-religioso e entre ciência e fé? Como resgatar esperança?

Propostas de ação

A partir dos insumos do presente monitoramento, recomenda-se: projetar uma visão e consequente gestão estratégica da iniciativa, enraizar conteúdos produzidos, baseando-se nos achados do II Encontro, firmar e explicitar uma linguagem comum que possa ser adotada por toda a rede Fé no Clima e sustentar a iniciativa a partir do fortalecimento da rede Fé no Clima. Abaixo segue uma breve elaboração sobre cada uma dessas propostas.

Projetar visão e gestão estratégicas Fé no Clima

A iniciativa Fé no Clima tem sido muito bem sucedida na execução de atividades afinadas com sua proposta de articular saberes de diversos campos de modo a ampliar a ação política em relação às mudanças climáticas, de nível local a global.

Para que a iniciativa atinja patamares ainda mais relevantes em todas as suas esferas de ação, é fundamental apresentar com clareza seus objetivos, suas estratégias e seus desafios e definir com clareza seus atores centrais.

Assim a iniciativa conseguirá se colocar como agência no cenário político estabelecido, com maiores potencialidades de incidência e impacto.

Enraizar conteúdos produzidos

O II Encontro Fé no Clima foi capaz de estabelecer um marco importante no que diz respeito à produção de conteúdo da iniciativa. A estruturação do encontro em quatro elementos (água, terra, fogo e ar) resultou em pilares de reflexão (teoria) e ação (prática) sólidos.

O conteúdo está gerado. Ele agora precisa encontrar espaços para enraizamento em material produzido e multiplicado na rede Fé no Clima, e para além dela. O papel da comunicação desses conteúdos será fundamental para marcar a presença da rede onde quer que ela alcance.

Os quatro elementos: articuladores de sentido

O elemento água provocou a mais íntima **integração entre saberes**, sendo capaz de despertar quase que automaticamente uma profunda identidade entre as

lideranças do campo da ciência do clima, ambientalistas e religiosas que estiveram presentes. A dinâmica em grupos também facilitou esse contato, evidenciando desafios compartilhados entre todos os segmentos. Foram nesses grupos que se pode presenciar momentos em que o climatologista Antonio Nobre citava o cacique Siã, enquanto o Siã se refere ao mesmo como “Tonho”, em uma intimidade que demonstra afinidade, respeito e uma profunda articulação epistemológica - e por que não dizer, em certo sentido, ontológica?

O elemento terra despertou a discussão do **campo político**. Falou-se nas disputas políticas no Congresso, em territorialidade, em modelo de desenvolvimento, em desigualdade socioeconômica e ambiental. Foi notório perceber o quanto este elemento faz aterrissar em questões ligadas à subsistência, e às necessidades ligadas às grandes causas de disputa em nosso país: desde a discussão agrária, passando pela questão alimentar e pela territorialidade da fé no próprio Congresso Nacional. A fala de Mario Mantovani sobre a ruptura do espírito religioso evocado na sala inter-religiosa, com aquele da política real da plenária, mostra que muitas vezes no campo político a ética está dissociada da prática, que mostra a amplitude do desafio que se tem.

O elemento fogo despertou falas sobre **transformação**, seja através da **tecnologia**, da **comunicação** ou da **mobilização** de pessoas. A fala de Siã inverte o sentido comum dado à tecnologia: ele fala de tecnologia como educação e conhecimentos ancestrais. Novamente nesse segmento do dia foi possível notar um intercâmbio positivo entre os participantes: tanto o Pastor Ariovaldo quanto o Reverendo Fletcher Harper agradeceram aos indígenas pelos cuidados com a floresta, postura que vai além do mero reconhecimento da presença do outro, apontando uma reverência à sua visão de mundo e ultrapassando questões históricas das religiões. Destacou-se aqui também a maneira como a Sonia Bridi se apresentou a partir da sua trajetória religiosa, que é um tipo de narrativa que já tinha sido evocada por Rachel Biderman na seção anterior.

As falas organizadas em torno do elemento ar tangenciaram os impactos que o atual **modelo de desenvolvimento** tem causado no mundo. Tanto a campanha *Unmask my City* quanto a fala de Padre Josafá sobre a Laudato Sí suscitam discussão sobre modelos de consumo e de produção que precisam ser revisitados. Fala-se também sobre transparência de dados (principalmente ao se tocar na divulgação de dados sobre poluição e seus impactos) no sentido de *dar nomes aos bois* da degradação. Deste modo, a poluição vem ser um indicador direto da falência do sistema vigente, que é justamente o alvo da crítica da Encíclica papal.

Ao longo do dia, um dos convidados citou a própria percepção da importância da **troca como fé na capacidade de conexão**. Em culturas ameríndias, por exemplo, tabaco é oferecido ritualmente em troca da extração de algum outro elemento da natureza: “a gente tende a apenas tirar” (convidado, 2017). Ouviu-se também relatos de como conhecimentos tradicionais vêm auxiliando o conhecimento sobre a conservação da biodiversidade.

Ouviu-se também que vivemos em uma era voltada ao **lucro**: “uma tendência privatizadora solapa direitos e prejudica a vida”, há de se “desconstruir a lógica do lucro”: “só aquilo que produz relevância, **significado**, pode ser. Só dará certo o que der significado para a vida”, lucro, essencialmente, é “destruidor de significados” (convidado, 2017). Uma convidada evoca um ditado chinês: há onze possibilidades de se chegar à verdade; há de se ter humildade para saber que nos encontramos no amor. Como se leva isso à sociedade? Surge então a ideia de se **desenvolver cartilhas** por e para cada núcleo religioso.

A discussão em grupos foi tão profícua que foi raro ver pessoas distraídas por seus dispositivos eletrônicos ou celulares, o que, nos dias de hoje, significa bastante. Nesse contexto, o ambiente reforça a máxima evocada por um dos convidados: “**um tempo para cada coisa e cada coisa em seu tempo**”.



Firmar uma gramática da iniciativa

A principal inovação da iniciativa será compreender as diferentes gramáticas que promovem a união dos dois campos, buscando encontrar ou criar uma linguagem mínima, comum, e conceitual, de compreensão sobre o tema no interior das comunidades religiosas e para a sociedade, conjugando saberes técnicos e saberes espirituais (Fernandes, 2017).

Fé no Clima se pauta pela pluralidade dos pontos de vista e autonomia de seus congregados. Ao mesmo tempo, é necessário haver uma gramática comum que seja utilizada ao se referir à iniciativa de modo que ela se torne cada vez mais produtora de conteúdos para educação. Há de se optar pelos conceitos fundamentais referidos anteriormente ou adaptá-los, e explicitamente utilizar algumas palavras e narrativas que unam as diferentes fés e sistemas de saber. Algumas palavras destacadas em negrito ao longo do relatório podem ajudar a refletir sobre essa gramática.

Referências bibliográficas

Barradas. [Documentário Fé no Clima](#), Mate com Agu, 2015.

[Documentário Convergência Fé no Clima Águas Sagradas](#), 2017.

Fé no Clima. Blog [Fé no Clima: comunidades religiosas e mudanças climáticas](#). 2017.

Fonseca, Villela, Amorim. "[Fé no Clima: religious communities and climate change](#)". JIRS, 2015.

Fonseca & Villela. "[Diplomacia religiosa e paradoxos em Paris: nexos e ausência de uma narrativa ecológica emergente](#)". Rio de Janeiro, 2015.

Geertz, C. [Works and lives: the anthropologist as author](#). Stanford Press: 1988.

ISER. "[Relatório Fé no Clima](#)". Rio de Janeiro, 2015.

[Documento base](#) Encontro Fé no Clima 2017

[Perfis](#) dos convidados do Encontro Fé no Clima, 2017

[Síntese](#) dos grupos de trabalho sobre água, II Encontro Fé no Clima, 2017.

Entrevistas

Fernandes, Clemir. Entrevista de percepção sobre Fé no Clima. Por Maria Rita Villela, 2017.

Souza e Silva, João. Entrevista de percepção sobre Fé no Clima. Por Maria Rita Villela, 2017.

Amorim, Alice. Entrevista de percepção sobre Fé no Clima. Por Maria Rita Villela, 2017.

Boechat, Luíza. Entrevista de percepção sobre Fé no Clima. Por Maria Rita Villela, 2017.



Fé no Clima

Comunidades religiosas
e mudanças climáticas

Realização:



Apoio:

